

Regras de livre mercado não diminuiram a pobreza

Pesquisador diz que conseqüências foram dramáticas

As noções de livre mercado e de preços baseados em oferta e demanda foram importantes pilares das economias de muitos países, mas não colaboraram em nada para a grande preocupação mundial do século 21: a diminuição da pobreza. A análise, feita ontem pelo pesquisador inglês David Gordon, da Universidade de Bristol, foi o primeiro ponto de discussão do fórum mundial sobre medição da pobreza, que reúne especialistas de diversos países, na sede do IBGE, no Rio.

"Preços baseados no mercado tiveram conseqüências dramáticas para os pobres. O preço do combustível e dos alimentos, por exemplo, levou a problemas sérios em muitos países", disse Gordon, na abertura da quarta reunião do Grupo do Rio, formado em 1996 pela ONU para discutir as metodologias de medição da pobreza. Gordon citou também o capital especulativo como "prejuízo para as economias".

Há um consenso entre os participantes do fórum de, segundo o qual que revelou-se fracassada a teoria das últimas quatro décadas do século 20, de que a redução da miséria seria uma conseqüência da expansão econômica. "A maioria das agências das Nações Unidas e o Fundo Monetário Internacional não tiveram sucesso em noções como a de crescimento econômico amplo. Há mais pobres hoje do que há 40 anos", disse David Gordon, citando como exemplo muitos países africanos e repúblicas que constituíam a antiga União Soviética.

O pesquisador apontou as políticas de bem estar e de inclusão social e a intervenção do Estado no mercado de trabalho como pontos fundamentais para um novo esforço de combate à fo-

FAO PROPÕE ADIAR REUNIÃO SOBRE A FOME

O diretor geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), Jacques Diouf, propôs o adiamento para junho de 2002 da reunião de cúpula sobre a fome no mundo, da qual deveriam participar chefes de Estado e de Governo de mais de 180 países. Em carta dirigida aos Estados membros da agência especializada das Nações Unidas, Diouf explica as razões pelas quais considera que a reunião, programada para novembro deste ano em Roma, deva ser adiada.

A FAO havia organizado o encontro

para denunciar os poucos avanços obtidos nos últimos cinco anos na luta contra a fome, depois da primeira reunião celebrada em 1996. Vários países haviam pedido o adiamento da reunião de cúpula devido à crise internacional provocada pelos atentados terroristas de 11 de setembro nos Estados Unidos.

Segundo números divulgados ontem pela FAO, 815 milhões de pessoas passam fome no mundo. "Durante os anos 90 o número de famintos chegou a diminuir a um ritmo aproximado de seis milhões por ano. Nessa média, seriam necessários 60 anos para reduzir para 400 milhões o número dos que passam fome, objetivo da reunião de 1996, que se propôs a atingir esta meta no mais tardar em 2015", destaca a entidade em seu informe anual sobre O estado da insegurança alimentar no mundo.

me e à miséria. Neste aspecto, ressaltou os avanços da União Europeia em comparação com o resto do mundo. "Há um abismo entre as políticas da União Europeia e das agências das Nações Unidas", afirmou.

Renda mínima

Para Gordon, estabelecer uma renda mínima por pessoa por dia, como faz a ONU, "por si só não dá para medir a pobreza". Para as Nações Unidas, está abaixo da linha da pobreza a pessoa que vive com menos de US\$ 1 por dia. No Brasil, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, ligado ao Ministério do Planejamento, fixou a linha da pobreza em R\$ 60 mensais, ou R\$ 2 por dia. Por esta conta, há 23 milhões de indigentes no Brasil. Já a Fundação Ge-

túlio Vargas faz contas diferenciadas por região e chega a considerar a linha da pobreza na faixa de R\$ 80 mensais, o que eleva o número de miseráveis para 50 milhões de brasileiros.

O presidente do IBGE, Sérgio Besserman, afirmou que a desigualdade social brasileira é "uma cicatriz que deveria servir para o mundo mirar-se porque o Brasil, neste aspecto, é muito parecido com o mundo". Besserman lembra que o Brasil não é um País pobre.

"A função de todos que estão aqui é diagnosticar, e não avaliar o modelo ou sugerir mudanças, mas as estatísticas mostram e as pessoas percebem que tratar a diminuição da pobreza como conseqüência do crescimento econômico é claramente insuficiente", afirmou Besserman.